



AS CLASSES GRAMATICAIS: DA GRAMÁTICA NORMATIVA AO ESTRUTURALISMO

Noábia Maria de Freitas Estrela⁶

Maria Nazareth de Lima Arrais²

Resumo

O presente artigo objetiva realizar uma reflexão sobre as classes gramaticais, a fim de ressaltar a importância desse estudo para o conhecimento da língua. Para tanto, nos baseamos nos estudos realizados por Mattoso (2009), em comparação com o que defende a Gramática Normativa. É um estudo bibliográfico, uma vez que nos utilizamos de uma literatura já existente para o aprofundamento da temática. Trata-se de um texto estruturado em três partes: a primeira aborda o posicionamento da corrente estruturalista em relação à morfologia; a segunda discorre sobre as classes gramaticais para a Gramática Normativa; e a terceira trata dos estudos realizados por Mattoso para quem a divisão das classes gramaticais é redefinida. Este estudo foi motivado pela atuação enquanto monitora da disciplina Morfologia da Língua Portuguesa durante dois períodos. Mattoso (2009) se utiliza de três critérios básicos para classificar os vocábulos formais de uma língua, o mórfico, semântico e sintático, estabelecendo entre eles uma hierarquia e organização homogênea e indissociável, dividindo as classes gramaticais em nomes, verbos, pronomes e vocábulos conectivos. A gramática tradicional, por sua vez, também se utiliza desses critérios de classificação, porém de maneira não hierárquica, priorizando na maioria das vezes apenas um dos critérios estabelecidos e dividindo as classes gramaticais em dez grupos.

Palavras-chaves: Classes de Palavras. Gramática Normativa. Estruturalismo.

Abstract

This article aims to analyse grammar classes in order to emphasise the importance of this study for the language knowledge. We based on studies conducted by Mattoso (2009), comparing them to the one that defend the Normative Grammar. It is a bibliographic case, where we use an existing literature for deepening the theme. In addition, this text was structured in three parts. The first part deals with the positioning of structuralist chain in relation to the morphology. The second one discusses regarding to the grammatical classes to the Normative Grammar. The third part is related to the Mattoso's studies for whom the division of parts of the grammatical classes are redefined. This study was motivated by performance while it was developed an activity as a monitor student of Portuguese Morphology during two semesters. Mattoso (2009) addresses to three basic standards to classify the formal vocabularies of a language, the morphic, semantic and syntactic,

⁶ Graduanda do curso de Letras/Língua Portuguesa do Centro de Formação de Professores – UFCG, *campus* de Cajazeiras, E-mail: noabia_tf@hotmail.com

² Professora orientadora UFCG, *campus* de Cajazeiras, E-mail: nazah_11@hotmail.com



establishing a hierarchy and a homogeneous and indivisible organization between all of them. Additionally, Mattoso divide the grammatical classes in nouns, verbs, pronouns and connective words. The traditional grammar, in turn, also use these classification criteria, however it is used in a non-hierarchical way, focusing in the majority of the time only one of the criteria. Finally, the grammatical classes on the traditional grammar is divided in ten groups.

Keywords: Word Classes. Normative Grammar. Structuralism.

1 Introdução

A tarefa de classificar as palavras não é fácil, tendo em vista as divergências que existem entre as diferentes correntes e autores, porém cabe a nós conhecermos um pouco sobre o que e como são defendidas as formas de divisão dos vocábulos existentes em nossa língua.

A classificação de palavras é um tema que já vem sendo estudado há séculos, se estendendo desde a Grécia Antiga até os dias atuais nas mais variadas correntes linguísticas (GURPILHARES, 2004).

As classes gramaticais que hoje conhecemos são resultados das contribuições de vários estudiosos ao longo de muitos anos, que tiveram a preocupação de agrupar e organizar as palavras de acordo com características que lhes são comuns. É através da Morfologia que estudamos as palavras de maneira isolada e não a sua participação em frases, orações ou períodos. Atualmente, há vários conceitos em relação à classificação das palavras.

Nesse direcionamento, o presente artigo objetiva realizar uma reflexão sobre as classes gramaticas, a fim de ressaltar a importância desse estudo para o conhecimento da língua. É importante salientar que o conhecimento dos mecanismos linguísticos nos ajuda a aceitar os diferentes falares.

Para atingir o objetivo proposto, nos baseamos nos estudos realizados por Mattoso (2009), em comparação com o que defende a Gramática Normativa. Ao contrário da Gramática Normativa que organiza as palavras em dez classes, o estruturalismo mattsosiano vai organizar em três: nomes, pronomes e verbos, ficando ainda um grupo de palavras fora dessas três classes que são os vocábulos conectivos.



Este é um estudo bibliográfico, uma vez que nos utilizamos de uma literatura já existente para o aprofundamento da temática. Para o levantamento teórico utilizou-se o estudo bibliográfico a partir de obras já estudadas e publicadas pelos autores citados no decorrer do texto, em que se aborda a classificação de palavras de acordo com cada corrente aqui exposta.

Estruturado em três partes, a primeira aborda o posicionamento da corrente estruturalista em relação à morfologia; a segunda discorre sobre as classes gramaticais para a Gramática Normativa; e a terceira trata dos estudos realizados por Mattoso para quem a divisão das classes gramaticais é redefinida.

Este estudo foi motivado a partir da atuação enquanto monitora da disciplina Morfologia da Língua Portuguesa durante dois períodos. Entendemos que esta produção é algo relevante para o processo de aprendizagem que empreendemos na academia, pois é através desse gênero e de outras produções de textos científicos que o conhecimento construído pode ser exposto e socializado.

2 Sobre o Estruturalismo

Quando falamos em estruturalismo, logo pensamos em Ferdinand Saussure, talvez por ter sido um dos pioneiros na realização desses estudos. O estruturalismo europeu surgiu com o intuito de romper com o caráter normativo e filosófico, partindo para um processo de evolução que visasse à dinamicidade e coerência, originando-se a partir de então uma gramática que compara entre si os elementos de diferentes línguas, chamada de *comparativa ou linguística histórica* (SOUZA-E-SILVA, 2011).

Dentre os estudiosos que buscavam essa ruptura, podemos enfatizar, em primeiro lugar, F. Saussure, pois foi quem realmente buscou romper com essa antiga visão na Europa, passando a conceituar a *língua como um sistema*. Iniciado por Saussure, o estruturalismo emerge, por volta do século XX, a partir de sua obra *Curso de linguística geral*, definindo assim o objeto de estudo da linguística, a língua. O autor também criou algumas dicotomias básicas (língua e fala; sincronia e diacronia; sintagma e paradigma) a partir das quais surgiram novas escolas e teorias (SOUZA-E-SILVA, 2011).



De acordo com Saussure (2012), a *língua* é parte fundamental e social da linguagem. Além disso, é um sistema de valores que se opõem uns aos outros, sendo necessário que seja adotada por uma comunidade linguística para que ocorra a comunicação. Diferentemente da linguagem que é de caráter heterogêneo, a língua é considerada de natureza homogênea, tendo em vista que não pode ser criada nem modificada, já que se encontra presente como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, podendo ser estudada separadamente ao contrário da *fala*, que é por sua vez, a concretização da língua, um resultado das possibilidades que a língua lhe proporciona, sendo realizada de acordo com a vontade do falante para expressar suas opiniões e ideias. A língua e a fala estão intimamente relacionadas, cada uma tem sua parcela de contribuição para que a outra se estabeleça.

A *sincronia* é responsável por estudar a língua em um determinado período de tempo, sem levar em conta as suas transformações e estudo histórico. Já a *diacronia*, estuda *as relações que unem termos sucessivos* da língua, ou seja, a forma como ela foi se modificando ao longo dos anos, bem como os fatores que influenciam tais mudanças. Deve-se levar em consideração que cada língua existente constitui uma unidade de estudo que nos leva a considerá-las *ora estática ora historicamente*. Vale a pena salientar que “*tudo quanto seja de diacrônico na língua não é o senão pela fala*”, ou seja, a fala é responsável por representar todas as modificações sucedidas. O *sintagma* é resultado da escolha de um determinado número de elementos que compõem um enunciado. A essa oportunidade de escolha dá-se o nome de *paradigma* (SAUSSURE, 2012, p. 141).

Associada à linha do estruturalismo europeu, instituída por Saussure, vem à tona o estruturalismo americano, trazendo Leonard Bloomfield como um de seus principais fundadores. O estruturalismo por ele defendido expunha uma categoria *utilitarista*. Os linguistas, preocupados com a extinção da língua indígena norte-americana passaram a descrevê-la de acordo com as orientações de um manual que surgiu em prol de ajudá-los nessa experiência. Bloomfield (1933), também responsável por elaborar obras de análise linguística, criou *Language*, obra esta que foi considerada *um marco na evolução da Linguística* (ROCHA, 1998).

No contexto da morfologia da língua portuguesa, o estruturalismo no Brasil foi instaurado por Câmara Jr. (1960), introduzindo a partir de então um novo paradigma



linguístico, pois devido a sua insatisfação com a divisão dos vocábulos formais realizada pela Gramática Normativa, achou por bem redefini-las em apenas quatro classes fundamentais, nome, pronome, verbo e conectivos, baseando-se em alguns critérios que são trabalhados de forma indissociáveis em seu novo modelo de classificação (MATTOSO, 2009).

São três os critérios utilizados por Mattoso (2009), nesse novo processo de divisão, o *mórfico*, o *semântico* e o *sintático*. O primeiro é o critério que analisa a estrutura das palavras, isto é, estuda as formas gramaticais de uma palavra. O segundo estuda as palavras quanto aos seus significados, mediante o mundo biossocial. E o último, por sua vez, é o critério que analisa a função das palavras dentro de um sintagma ou oração, ou seja, o papel que elas desempenham.

3 O que diz a NGB a respeito da classificação das palavras

A Gramática Normativa agrupa as palavras em dez classes. Bechara (1928) elenca: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

A NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) subdividiu os vocábulos em variáveis e invariáveis. As variáveis, por sua vez, são aquelas que estão sujeitas a mudanças, como é o caso dos substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, numerais e artigos. Já as consideradas invariáveis são imutáveis, não sendo capazes de sofrer alterações, temos como exemplo os advérbios, preposições, conjunções e interjeições (MARGOTTI, 2008).

Algumas desarmonias encontradas foram motivo de críticas por parte de alguns autores. Uma delas foi que se deveria utilizar à nomenclatura *classificação de vocábulos*, devido ao fato de não se tratar somente da classificação de formas livres, ou seja, formas que sozinhas constituem um enunciado capaz de promover a comunicação. Uma vez que se encontram inclusos nesse processo tanto as palavras, que é a ocorrência de significado, como os vocábulos que são os elementos dotados ou não de significação (MARGOTTI, 2008).



Na classificação das palavras, a Gramática Normativa também conhecida como Tradicional (GT), define o substantivo como “a palavra que designa os seres em geral” (MARGOTTI, 2008, p. 140). Podemos observar que essa definição foi realizada com base no critério semântico. No entanto, não é só isso, há nomes que não se referem a seres e podem ser substantivados como é o caso de risos, choro etc. (MARGOTTI, 2008).

Já o adjetivo é caracterizado como “a palavra que expressa qualidade” (MARGOTTI, 2008, p. 141). Quando falamos em “qualidade” trata-se de um termo a ser discutido já que há outras noções como defeito, condição etc., que também se portam como adjetivos. Além disso, palavras tidas como adjetivos pela GT, também podem ser substantivadas. Margotti (2008, p. 141) ressalta que “apesar de o significado dos adjetivos serem importantes na estrutura linguística, ele tem natureza eminentemente sintática. Um adjetivo sempre pressupõe a existência de um substantivo, ao qual se vincula”.

O advérbio é tido como invariável, porém a Gramática Normativa considera o grau como *flexão*, fato este que seria suficiente para enquadrá-los entre as palavras variáveis (MARGOTTI, 2008).

[...] a classificação dos vocábulos é uma tarefa bastante complexa e não é do âmbito restrito da morfologia. Se o vocábulo apresenta forma, função e sentido, os critérios mórfico, semântico e sintático entram em conflito em qualquer classificação (MARGOTTI, 2008, p.141-142).

Para a autora, a classificação das palavras é um estudo criterioso que deve ser estudado considerando os critérios abordados por Mattoso. Isto porque o vocábulo é dotado de forma, função e sentido.

4 A proposta de Mattoso

O estruturalismo, de acordo com os estudos realizados por Mattoso (2009), divide os vocábulos formais em quatro grupos: nomes, verbos, pronomes e conectivos. Os critérios utilizados pela corrente estruturalista para classificação, distinção e caracterização dos vocábulos, são:

Há, em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do



universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, função ou papel que cabe ao vocábulo ou sentença (MATTOSO, 2009, p. 77).

Os três critérios estabelecidos por Mattoso (2009) serviram de base para organizar os vocábulos formais da língua portuguesa que até então se dividiam em dez classes gramaticais. Para tanto, utilizou-se nesse processo de reorganização, a forma, o sentido e a função que os vocábulos apresentam.

Através da associação dos critérios *mórfico* e *semântico*, há um critério compósito denominado *morfossemântico* e por meio dele é que acontece a divisão dos vocábulos formais em nomes, verbos e pronomes com suas devidas representações. Para Mattoso (2009, p.77), este é considerado o “fundamento primário de classificação”, ou seja, numa escala hierárquica, se encontra em primeiro lugar.

A oposição entre nome e verbo realizada por Mattoso (2009) é estabelecida mais propriamente com base nos critérios formal e funcional. Enquanto o nome apresenta noções gênero e número, o verbo apresenta morfemas gramaticais capazes de indicar seu tempo, modo e pessoa. Vale a pena ressaltar que ambos pertencem ao sistema aberto (MATTOSO, 2009).

Os pronomes se diferem dos nomes semanticamente por fazerem parte do sistema fechado da língua, ou seja, por si só nada nos sugere, como podemos observar em *cama*. A palavra por si só já nos remete a imagem de um objeto que serve para deitar. Além do semântico, os nomes e pronomes também se opõem do ponto de vista *mórfico*, pelo fato de variar em pessoa e número e não em gênero e número como ocorre com os nomes. De acordo com o critério sintático, os nomes e pronomes possuem características similares, pois tanto tem o poder de funcionar como o termo determinado ou determinante de um nome, como podemos ver em: **Ana** Canta./ **Ela** canta. **Meu** lar./ **Doce** lar (FARIA; CAVALCANTE, 2011).

O quadro a seguir sintetiza a classificação dos vocábulos formais empreendida por Mattoso (2009).

	Substantivo (termo determinado)
--	---------------------------------



NOME	Adjetivo (termo determinante de outro nome)
	Advérbio (termo determinante de um verbo)
VERBO	—
PRONOME	Substantivo (termo determinado)
	Adjetivo (termo determinante de outro nome)
	Advérbio (termo determinante de um verbo)

Fonte: Mattoso, 2009, p. 79.

Recorrendo ao critério *sintático*, temos os conectivos que se dividem em: coordenativos e subordinativos, este último por sua vez, pode ser de vocábulos ou de sentenças. Estes conectivos, por sua vez, realizam a conexão de termos, podendo fazer com que sejam determinantes de outro nome, havendo o fenômeno de subordinação, ou simplesmente sirva para unir um termo a outro, o que chamamos de coordenação (MATTOSO, 2009).

Nas frases *Gosto de você* e *Guerra de travesseiros*, podemos perceber que a preposição *de* liga termos, fazendo com que o segundo termo se subordine ao primeiro. Em nossa língua, os conectivos subordinativos dividem-se em preposições (subordinação de vocábulos) que acabamos de ver e conjunções (subordinação de orações), por exemplo, a frase: *Saiu a pé, embora estivesse chovendo*, onde a oração *estivesse chovendo* é a subordinada. Os conectivos coordenativos apenas adicionam um termo a outro. Temos como exemplo a conjunção aditiva *e* em *Cantei e dancei, eu e você* (MATTOSO, 2009).

A gramática tradicional denominou de pronomes relativos o termo também responsável pela subordinação entre orações. É chamada de *pronome* pela GT, justamente pelo papel que desempenha e *relativo* pela relação que estabelecem entre as duas sentenças (MATTOSO, 2009). Como exemplo, podemos ter *O trabalho que escrevi deu-me experiência*. O *que* é um pronome relativo, pois está relacionado ao substantivo *trabalho*.

Considerações

É comum encontrarmos divergências entre autores sobre uma classificação exata das palavras, pois sempre iremos nos deparar com aquelas que se encontram inseridas entre duas classes. Cabe ressaltarmos que o olhar deve ser diferenciado de acordo com a situação



em que a palavra se encontra, pois, ao observarmos a palavra isoladamente, podemos reconhecer a que classe pertence, porém a função sintática por ela exercida só pode ser identificada a partir de sua análise no contexto.

Ao longo da pesquisa, constatamos que as palavras foram classificadas de diferentes maneiras ao longo dos anos, vimos o modelo de classificação baseado em duas vertentes: a Gramática Normativa e o Estruturalismo.

Da discussão, constatamos que a GT dividiu as palavras em dez classes gramaticais: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Estas, estabelecidas de maneira não sistematizada, sem hierarquia alguma em seu processo de organização em relação à prioridade dos critérios.

O estruturalismo Mattosiano, por sua vez, redefiniu-as em apenas quatro grupos Nome, Pronomes, Verbos E Conectivos, todos baseados nos três critérios por ele estabelecidos: o mórfico, o semântico e o sintático. Ao contrário da GT, Mattoso, ao privilegiar os três critérios (mórfico, semântico e sintático), estabelece uma hierarquia, colocando como primazia o critério compósito chamado morfossemântico, priorizando os critérios mórfico e semântico, correspondentes ao critério compósito.

Diante dos estudos realizados, podemos perceber que nem sempre é possível explicar as classes gramaticais sob o aspecto estritamente mórfico, temos que recorrer também à sintaxe e à semântica para nos auxiliar nesse processo de classificação, tendo em vista que as palavras mantêm relação de ligação entre si.

Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: – 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: 42 ed. Vozes, 2009.

GURPILHARES, M. S. S. **As bases filosóficas da gramática normativa: uma abordagem histórica**. Lorena: Janus - Revista de Pesquisa Científica - FATEA. Gráfica Santa Teresa, 2004, v. 01, p. 41-51.



MARGOTTI, F. W. **Morfologia do português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas de português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: 34 ed. Cultrix, 2012.

SILVA, P. L.; BATISTA, M. G. D. de A. e M.; LIMA ARRAIS, M. N. Morfologia da Língua Portuguesa. In: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.). **Língua Portuguesa e libras: teorias e práticas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2011, v. 3, p. 103-164.

SOUZA E SILVA, M. C. P. de. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: 18 ed. Cortez, 2011.

A LIBRAS NO CONTEXTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Andressa da Costa Rodrigues ⁷

Edinardo Nogueira Costa ⁸

Geraldo Venceslau Junior ⁹

Resumo

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de identificar e analisar as diferentes percepções sobre a disciplina de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS no currículo dos cursos de formação de professores do CFP/UFCEG, através de depoimentos dos graduandos realizados em diversas turmas de diversos cursos de licenciaturas deste centro, através de questionários contendo variadas indagações sobre a importância da Libras no processo de formação de profissionais da educação. Inicialmente aplicou-se o questionário a turmas que já havia ou estavam cursando a disciplina, logo após realizou-se a aplicação com as demais turmas que ainda não tiveram contato com a disciplina na formação. Os dados

⁷ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores (CFP); dessa.ufcg2013@gmail.com.

⁸ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores (CFP); edinardo.enc@gmail.com.

⁹ Prof. Esp. da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), Campus de Cajazeiras, Centro de Formação de Professores (CFP); Unidade Acadêmica de Letras (UAL); prof.geraldovenceslau.ufcg@hotmail.com.